

Caminhos, direções e emergências nos estudos da Cultura Visual no século XXI¹

*Lucas Pacheco BRUM*²

*Maria Cecilia Lorea LEITE*³

Resumo

O presente texto encontra-se inserido na vertente pós-estruturalista em educação, a partir do campo de teorização dos Estudos da Cultura Visual. Esse manifesta-se por volta dos anos de 1990, no território acadêmico brasileiro, colocando em discussão as práticas de visualizações, as imagens e as maneiras de interações e socializações entre sujeitos e visualidades. Este texto tem como objetivo discutir percursos, caminhos e direções referentes ao início e à institucionalização dos Estudos da Cultura Visual no território brasileiro, no decorrer dos últimos vinte anos. No desenvolvimento traçamos apontamentos sobre esse registro no discurso acadêmico brasileiro. Na sequência, realizamos observações sobre a produção e reprodução das imagens no século XXI, buscando salientar alguns caminhos futuros e emergentes sobre os objetos visuais atuantes na cultura contemporânea que precisam ser pensados, estudados, analisados, investigados e colocados nas discussões das agendas acadêmicas.

Palavras-chave: Caminhos futuros. Institucionalização da Cultura Visual. Objetos visuais.

¹ Este artigo vincula-se ao projeto de pesquisa "Imagens da Justiça, Representações Curriculares e Pedagogia Jurídica: um estudo comparativo", financiado pelo CNPq (processo nº 423497/2021-9).

² Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Integrante do Laboratório Imagens da Justiça da (UFPel). Suas pesquisas envolvem cultura visual, educação da cultura visual, currículo e pedagogias culturais. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7655-8463>. E-mail: lukaspachecobrum@yahoo.com

³ Doutora pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE/UFPel). Coordenadora do Laboratório Imagens da Justiça da (UFPel). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9197-2299>. E-mail: mclleite@gmail.com

Paths, directions and emergencies on the study of the Visual Culture in the 21st Century

Lucas Pacheco BRUM

Maria Cecilia Lorea LEITE

Abstract

This text is part of the post structural strand in education deriving from the theorization of Visual Culture studies, which came to life at decade of the 1990s in Brazil's academia and put into question the practices of visualizations, images and ways of interaction and socialization between subjects and visualizations. The paper discusses routes, paths and directions on the beginnings and institutionalization of the Visual Culture Studies in Brazil over the last twenty years. For that, the authors had traced notes about this register in the Brazilian academic discourse and commented on the production and reproduction of images in the 21st century, in order to highlight some future and emerging paths on the visual objects in contemporary culture that need to be further investigated and discussed in the academic agendas.

Keywords: Future Paths. Institutionalization of Visual Culture. Visual Objects.

Caminos, direcciones y emergencias en los estudios de la Cultura Visual en el siglo XXI

Lucas Pacheco BRUM

Maria Cecilia Lorea LEITE

Resumen

Este texto se insiere en la corriente pos estructuralista de la educación a partir del campo de teorización de los Estudios de Cultura Visual, que se manifiesta alrededor de la década de 1990, en la academia brasileña, trayendo a discusión las prácticas de visualizaciones, imágenes y formas de interacción y socialización entre sujetos y visualidades. El artículo discute rutas y direcciones sobre el inicio y la institucionalización de los Estudios de Cultura Visual en Brasil a lo largo de los últimos veinte años. Para eso, los autores han rastreado notas sobre ese registro en el discurso académico brasileño y discutido la producción y reproducción de imágenes en el siglo XXI, buscando destacar caminos emergentes y futuros sobre los objetos visuales activos en la cultura contemporánea que necesiten ser pensados, estudiados y discutidos en las agendas académicas.

Palabras clave: Institucionalización de la Cultura Visual. Objetos Visuales. Trayectorias Futuras.

Introdução

Placas de trânsito, anúncios publicitários, fachadas de lojas, estampas de vestuários, histórias em quadrinhos, desenhos animados, revistas, jornais, programas televisivos, séries da Netflix, cinemas, *outdoors*, cartazes, fotografias, grafites de rua, pichação, videogames, imagens eletrônicas e de aplicativos de telefones celulares, de Instagram, de Facebook, de YouTube, de Tik Tok, de Twitter, de sites entre outras...

Trata-se de imagens que atuam na cultura, fazem parte de nossas vidas e com as quais convivemos diariamente. Imagens que consumimos, que dizem quem somos, que governam nossos gestos, pensamentos, atitudes e condutas e que constroem nossas identidades, subjetividades e sensibilidades. São imagens que se proliferam em diferentes fontes/meios visuais⁴ veiculando “imagens de informação, de arte, ciência, ficção, publicidade, cultura popular, enfatizando o papel e a importância das visualidades e dos meios visuais em nosso cotidiano e na disseminação de ideias nas esferas públicas e privadas” (MARTINS e TOURINHO, 2011, p. 53).

Desde o início da civilização as imagens já faziam parte da vida humana, porém, em nenhum momento se produziu e se consumiu tantas imagens (DUNCUM, 2011). Em números incalculáveis, elas passaram a conviver, governar e mediar nossas relações sociais, culturais, educacionais, econômicas e políticas. Nossos corpos, identidades, senhas bancárias, o que compramos, o que vendemos, o que comunicamos, o que gastamos, o que lemos e os lugares que frequentamos, são rastreados e vigiados incessantemente a partir de imagens eletrônicas/digitais, que se configuram em imagens números, imagens gráficos e imagens mapas-localizações.

As maneiras como estabelecemos nossas relações sociais, culturais, e também afetivas, estão sob a égide das imagens. Todas as nossas ações e condutas são guiadas e governadas sob o regime das imagens. Somos capturados, vigiados, registrados e mediados por quem nos olha e por quem passa a nos olhar, mais do que nós olhamos para elas. Imagens que, muitas vezes, não enxergamos, mas que “interferem agudamente na efetivação das localizações e práticas da sociedade atual”

⁴ Denominamos fontes/meios visuais os lugares onde as imagens se originam, criam e distribuem significados, por exemplo, a publicidade é uma fonte/meio visual, assim como a televisão, o cinema, o Instagram, entre outros.

(VICTORIO FILHO, 2011, p. 198), fazendo parte intrinsecamente do nosso mundo e da vida das pessoas.

Como já dizia Guy Debord (1997) há meio século, as sociedades viviam, e ainda vivem, como as nossas. Por exemplo, mais do que nunca, vivem na “sociedade do espetáculo” ou numa sociedade mediada por imagens, que na contemporaneidade assumem predominância afetiva na construção de realidades forjadas através das telas bidimensionais, tais como: computadores, notebooks, laptop, tablets, aparelhos celulares, televisão, cinema, entre outros.

Diante disso, é profícuo considerar que as imagens estão presentes efetivamente na existência humana, afetando diversas camadas das sociedades, impactando nos modos de ser e estar na cultura a partir dos seus discursos visuais que fazem circular informações, significados, valores, crenças, ideias, concepções de mundo, ideologias e *Fake News*⁵, orientando e direcionando as pessoas em relação às suas ideias e a formarem “opiniões sobre problemas e situações e, principalmente, a construir algum tipo de interação e compreensão sobre o mundo em que vivem” (MARTINS e TOURINHO, 2012, p. 11). Assim, a autora e o autor entendem que os conhecimentos próprios dos sujeitos, bem como os seus interesses e identidades, estão contagiados por influências visuais que, incorporadas aos seus modos de vida, passam a fazer parte de suas subjetividades e sensibilidades.

Entretanto, as imagens e as visualidades⁶ que assolam nossas vidas e trajetos diários encontram-se dentro do arcabouço dos Estudos da Cultura Visual (CUNHA, 2005, 2008; DIAS, 2008, 2011, 2012; DUNCUM, 2011; HERNÁNDEZ, 2000, 2007, 2011; MARTINS, 2004, 2005, 2006, 2007, 2009; MARTINS e TOURINHO, 2015; MITCHELL, 2002; TAVIN, 2008; TOURINHO, 2011, 2012) que diz respeito, nesse sentido, às várias práticas e interpretações de mundo que interpelam as relações sociais e transitam entre as posições de subjetividade e o ato de ver e ser visto.

Esse campo de teorização coloca em foco as vivências cotidianas e as visualidades, a dimensão cultural das experiências sociais, além de incluir, segundo Mitchell (2002), tudo aquilo que vemos,

⁵ A expressão *Fake News* vem do inglês *fake* (falsa/falso) e *news* (notícias). Dessa forma, em português, a palavra significa notícias falsas, ou seja, são informações falsas que viralizam entre a população como se fossem verdadeiras. Atualmente elas estão, principalmente, relacionadas às redes sociais digitais.

⁶ Pela delimitação de espaço deste texto, salientamos que não temos como objetivo esclarecer os conceitos de imagens e visualidades, tão caros e confusos, muitas vezes, dentro desse campo de teorização. Uma discussão mais aprofundada e o esclarecimento sobre o uso desses conceitos podem ser consultados em MARTINS, 2018; MIRZOEFF, 2016; CHAPLIN e WALKER, 2002; SÉRVIO, 2014.

mostramos e exibimos, como também o que escondemos e nos recusamos a ver. Dessa maneira, segundo o autor, a Cultura Visual não é somente um campo dos estudos das imagens, mas da experiência visual como um todo. Ele defende a perspectiva de que experimentamos o visual por meio da cultura, por meio das construções simbólicas. Duncum (2011, p. 21) aponta que esta área de estudo

[...] é bastante inclusiva, pois incorpora as belas-artes juntamente com a extensa gama de imagens vernáculas e midiáticas, imagética eletrônica contemporânea e toda a história da imagética produzidas e utilizadas pelas culturas humanas. (DUNCUM, 2011, p. 21).

Já para Hernández (2011, p. 33), “a Cultura Visual é também um campo transdisciplinar, isso significa considerar outras representações visuais portadoras e mediadoras de significados e oposições discursivas que contribuem para pensar o mundo e para pensarmos a nós mesmos como sujeitos”. Diante desses apontamentos iniciais, o presente texto situa-se dentro dos estudos pós-estruturalistas em educação, a partir do campo de teorização dos Estudos da Cultura Visual. Nosso objetivo é discutir percursos, caminhos e direções referentes ao surgimento e à institucionalização dos Estudos da Cultura Visual no território brasileiro no decorrer dos últimos vinte anos. Para esse fim, faremos apontamentos sobre a recente história do campo teórico no Brasil e apresentaremos os principais objetos visuais⁷ que foram analisados e investigados, a partir das teorizações da Cultura Visual com interações ou não com outros campos de teorizações.

Nosso objetivo, assim, não é apresentar detalhadamente os objetos visuais analisados, investigados ou estudados, mas mostrar quais foram os objetos visuais estudados nos últimos vinte anos, ou seja, as imagens, as visualidades e os artefatos visuais que ganharam destaque nas discussões acadêmicas. Na segunda parte do texto, realizamos algumas observações sobre a produção e reprodução das imagens no século XXI, sobretudo, da crescente proliferação e criação de imagens nas últimas duas décadas, buscando salientar alguns caminhos futuros e emergentes – ou pistas – sobre os objetos visuais atuantes na cultura contemporânea que precisam ser pensados, estudados, analisados, investigados e colocados nas discussões das agendas acadêmicas.

⁷ Para fins de esclarecimento, destacamos que nesse texto a expressão “objetos visuais” faz referência aos objetos de estudos investigados, como por exemplo: as imagens televisivas, as revistas, o cinema, a propaganda entre outras.

O Surgimento da Cultura Visual no Brasil

O campo dos Estudos da Cultura Visual nasce no final de 1980, no Programa de Estudos Culturais e Visuais da Universidade de Rochester nos Estados Unidos, com a organização dos Programas de Doutorado nas áreas da cultura e do social, em disciplinas como Educação, Geografia, Antropologia e Sociologia em uma ideia de cultura proveniente dos Estudos Culturais Britânicos. O trabalho desenvolvido na Universidade de Rochester emergiu para a institucionalização desse campo de estudos, contribuindo com seminários,⁸ que mais tarde originaram as primeiras publicações de livros⁹ marcantes para o debate na área.

A Cultura Visual resulta do cruzamento e hibridização dessas disciplinas acadêmicas, campos conceituais e metodologias que buscavam compreender a cultura como prática de visualização e significação. Na concepção de Martins (2004), a Cultura Visual é um “corpus de conhecimentos emergentes, resultante de um esforço acadêmico proveniente dos Estudos Culturais, a Cultura Visual é considerada como um campo novo em razão do foco no visual como prioridade da experiência do cotidiano” (MARTINS, 2004, p. 160). Dias (2012), nesta mesma direção, aponta que a Cultura Visual

[...] está associada aos estudos da cultura e do social e a várias disciplinas do conhecimento que utilizam o termo com a intenção de incluir num conceito comum com todas as realidades visuais, as visualidades, sejam elas quais forem, que afetam os sujeitos em seu cotidiano. (DIAS, 2012, p. 60).

Dentro dessa perspectiva, os Estudos da Cultura Visual nascem de um debate marcado por problemáticas teóricas, metodológicas e realidades visuais, que atravessam diferentes disciplinas acadêmicas numa relação entre os conhecimentos da História da Arte com os estudos da mídia, “cinematográficos, à linguística e à literatura comparada com as teorias pós-estruturalistas e os estudos culturais” (HERNÁNDEZ, 2007, p. 21). Essas áreas de estudos convergem para um movimento disperso e transitório entre as Artes e as Ciências Humanas.

⁸ Knauss (2006) destaca dois importantes Seminários sobre a Cultura Visual, o primeiro foi realizado em 1987, no Hobart and William Smith College, e o segundo em 1989, na própria Universidade de Rochester. Segundo ele, esses seminários “resultaram de um grande projeto integrado de pesquisa de nível nacional, que envolveu diversos pesquisadores com o objetivo de colocar o estudo da história da arte em discussão a partir do debate teórico realizado em outros campos de reflexão” (KNAUSS, 2006, p. 103).

⁹ De acordo com Knauss (2006), a partir dos dois seminários realizados, resultou na publicação de dois livros sobre os Estudos da Cultura Visual, sob a edição e coordenação Norman Bryson, Michael Ann Holly e Kietk Moxe.

Caminhos, direções e emergências nos estudos da Cultura Visual no século XXI

Na literatura encontrada há indícios de que algumas experiências preliminares sobre as experiências visuais cotidianas já haviam sido feitas nos Estados Unidos em meados dos anos de 1960 (DIAS, 2008; TAVIN, 2008). Da mesma maneira, no Brasil encontramos relatos de experiências já realizadas nesse mesmo período (BARBOSA e CUNHA, 2010). É nesse momento que ocorrem as primeiras publicações e discussões acadêmicas, por intermédio do professor de História da Arte William John Thomas Mitchell, na Universidade de Chicago nos Estados Unidos. Com a entrada do século XXI, encontramos uma literatura mais consistente, no âmbito internacional, sobre o ensino da arte e da Cultura Visual, principalmente nos Estados Unidos e Canadá (DIAS, 2011), dentre as quais destacam-se as contribuições de Fernando Hernández, na Universidade de Barcelona, de Nicholas Mirzoeff, na Universidade Estadual de Nova York, de Kerry Freedman, na Universidade de Illinois e de Paul Duncum, na Universidade da Tasmânia.¹⁰

No entanto, no território brasileiro, a expressão “Cultura Visual” começa a circular e ser utilizada na produção acadêmica a partir dos anos de 1990, aludindo ao surgimento das diversas mídias sociais, que passam a fazer parte das vidas das pessoas, moldando e construindo suas ideias, imaginários, pensamentos e ensinando novas configurações sobre arte. Segundo Alves, Garcia e Sardelich (2016), no Brasil, uma das primeiras publicações foi realizada pela *Revista Cultura Visual*, editada semestralmente pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, da Universidade Federal da Bahia - PPGAV/UFBA,¹¹ “cujo primeiro número foi publicado em 1997” (ALVES; GARCIA; SARDELICH, 2016, p. 160).

Essa revista dedica-se, há mais de uma década, à publicação de artigos, resenhas e entrevistas, fomentando a produção de conhecimento no campo das Artes Visuais e do Design, nos âmbitos teóricos e práticos em todo o cenário nacional, abrangendo estudos de Arte, Poéticas Artísticas, Design e História, Teoria e Crítica da Arte. Cabe ressaltar que em julho de 2013 a revista editou e publicou seu último número e até o presente momento encontra-se suspensa por tempo indeterminado para novas submissões.

¹⁰ Atualmente é Professor of Art Education at University of Illinois at Urbana-Champaign.

¹¹ Disponível para informações em: < <https://periodicos.ufba.br/index.php/rcvisual> >. Acesso em 06 de março de 2021.

No ano de 1998, encontramos, na *Revista USP*¹², da Universidade de São Paulo - USP, a tradução de um artigo intitulado *Estudos Culturais, Cultura Visual* (CRIMP, 1998), do pesquisador norte-americano Douglas Crimp, professor de História da Arte, da Universidade de Rochester. É nesse texto que, provavelmente, a expressão “Cultura Visual” aparece pela primeira vez na produção acadêmica brasileira. Nas poucas páginas que constituem o texto, Crimp não apresenta uma argumentação consistente no que se refere a essa expressão, e o que é essa “cultura” que é “visual”. O autor também não expõe uma diferença plausível entre os Estudos Culturais e a Cultura Visual ou a intersecção entre esses dois campos de teorização. Ele defende em suas argumentações que os Estudos Culturais não podem ser afirmados por qualquer definição, como também não podem ser qualquer coisa.

Nessa perspectiva, ele aponta que a Cultura Visual pode ser compreendida como “o objeto do estudo nos estudos visuais, como uma área mais estreita dos estudos culturais” (CRIMP, 1998, p. 80). No entanto, é preciso considerar que, embora a maneira como o autor coloca e usa a expressão Cultura Visual no seu texto, e faça sentido para nós leitores e leitoras, existem muitos equívocos e confusões teóricas entre os diversos autores/as e pesquisadores/as brasileiros/as e estrangeiros/as em delimitar e conceituar o que vem a ser os Estudos da Cultura Visual e os Estudos Visuais. Sem sombra de dúvidas, é um terreno arenoso e espinhoso de muitas controvérsias, pois “ao ser um campo emergente em construção, com muitas divergências entre seus estudiosos sobre sua delimitação e o seu próprio objeto de estudo, a Cultura Visual não dispõe de um vocabulário específico” (ALVES; GARCIA; SARDELICH, 2016, p. 162).

Nesse sentido, logo após, no ano de 2000, é publicado o livro *Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho* (HERNÁNDEZ, 2000), do professor espanhol Fernando Hernández, da Universidade de Barcelona. A primeira versão desse livro foi editada e publicada em espanhol, em 1997, com o título *Educación y Cultura Visual*. Para o nosso contexto, a obra foi revisada com o objetivo de aproximar-se da realidade educacional brasileira, estabelecendo algumas conexões com a “Abordagem Triangular”¹³ (BARBOSA, 1998, 2005; BARBOSA e CUNHA, 2010), com os

¹² Disponível para informações em: < <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28422> >. Acesso em 06 de março de 2021.

¹³ A “Abordagem Triangular” (BARBOSA; 1998, 2005; BARBOSA e CUNHA, 2010) é uma abordagem metodológica pensada para o ensino da Arte, formulada pela arte-educadora brasileira Ana Mae Barbosa. A abordagem é sustentada por três pilares: a contextualização, o fazer artístico e o ler uma obra de arte. O eixo da contextualização refere-se aos

Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (BRASIL, 1998) de Arte e a bibliografia brasileira, que naquela época estavam permeando as discussões educacionais e curriculares. Nessa obra também foram introduzidas algumas questões de modo diferente, que até então não tinham sido contempladas na primeira versão da publicação.

Esse livro (HERNÁNDEZ, 2000) foi marco no campo dos Estudos da Cultura Visual no Brasil, pois até então não se tinha uma literatura consistente que desse sustentação teórica para as práticas pedagógicas em visualidades do cotidiano valorizando as representações de crianças, adolescentes e jovens na cena pedagógica, bem como argumentos que respaldassem a inserção de imagens da mídia, da publicidade, da moda, entre outras, nos currículos escolares do Ensino de Artes Visuais. Nessa época, o ensino de Arte e seus respectivos currículos ainda estavam alicerçados em concepções de ensino herdadas pelo modernismo e em um cânone curricular que legitimava as práticas tradicionais, as imagens da História da Arte, os movimentos, as vanguardas artísticas e os conhecimentos oficializados.

Cunha (2005, 2008), Barbosa (2008) e Dias (2011) enfatizam que, no ano de 2000, começa a se manifestar, no contexto educacional brasileiro, a expressão Cultura Visual, a partir do livro de Hernández (2000). Barbosa (2008) também sublinha que a presença da expressão no país deve-se ao curso sobre Arte/Educação proferido por Kerry Freedman – organizado pelo Serviço Social do Comércio - SESC, em São Paulo, na Vila Mariana, em abril de 1998 – o qual teve um dos textos discutidos¹⁴ publicado no livro organizado por Barbosa (2008).

Cunha (2008), como uma das principais precursoras deste campo de investigação no Brasil, argumenta que, desde a primeira edição da publicação do livro de Hernández (2000) *Cultura Visual: mudança educativa e projeto de trabalho*, o meio acadêmico estava convivendo com a expressão “Cultura Visual” no contexto educacional. Naquela época, era considerado como um campo incipiente e “jovem de estudos, com raras publicações no Brasil” (CUNHA, 2008, p. 108), tendo em

aspectos contextuais da produção artística, como manifestações históricas e culturais no espaço e tempo em que elas foram produzidas. O eixo do fazer artístico é o trabalho prático, ou seja, o processo de criação. Não consiste, assim, em uma cópia, mas parte do processo de imaginação e interpretação do que se contextualiza e se lê. E o do ler é interpretar, apreciar imagens da arte, ou não. Trata-se de produzir narrativas e críticas a partir do que se está olhando, levando-se em consideração o contexto em que está inserido e o repertório visual dos/as estudantes.

¹⁴ FREEDMAN, Kerry. Currículo dentro e fora da escola: representações da Arte na Cultura Visual. In: BARBOSA, Ana Mae. (Org.). **Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2008, p. 126 - 142.

vista que no exterior as discussões acadêmicas a respeito da Cultura Visual já estavam ocorrendo, como também já havia algumas publicações. É neste início de século, após a publicação do livro (HERNÁNDEZ, 2000), que se começa a institucionalizar um discurso sobre a Cultura Visual no país, a partir de movimento realizado por alguns autores/as, grupos de pesquisas e programas de pós-graduação.

Depois dessa publicação de Hernández (2000), a produção acadêmica no território brasileiro começa a ramificar-se com os trabalhos publicados de Barbosa (2008), Barbosa e Cunha (2010), Cunha (2005, 2008), Dias (2008), Hernández (2007), Martins (2004, 2005, 2006, 2007, 2009); Oliveira (2007), Hernández e Oliveira (2005). A nosso ver, as publicações de artigos, capítulos de livros, textos apresentados em seminários, eventos, congressos e livros de alguns desses/as autores/as e pesquisadores/as acabaram instigando interessantes reflexões teóricas e práticas, o que contribuiu para compor um discurso epistemológico e metodológico sobre a Cultura Visual no Brasil, como também as rotas e as linhas de contornos desse campo de estudo e investigação.

Muitos dos embasamentos teóricos, conceituais e metodológicos utilizados nessas publicações acadêmicas, por esses/as autores/as, são oriundos de influências históricas da Espanha, principalmente a partir do livro de Hernández (2000) publicado no país. As contribuições do autor espanhol, portanto, foram uma das bases para a introdução dos discursos epistemológicos e filosóficos para a institucionalização dos Estudos da Cultura Visual no Brasil. O que, mais tarde, no final da primeira década, amplificou e fortaleceu as discussões da institucionalização do campo no país, a partir das produções acadêmicas brasileiras – citadas na página anterior.

Cabe, também, frisar que a primeira tese de Doutorado, defendida no país sobre Cultura Visual, foi no ano de 2005, intitulada *Educação e Cultura Visual: uma trama entre imagens e infância*, defendida pela pesquisadora e professora Susana Rangel Vieira da Cunha (CUNHA, 2005), no Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - PPGEDU/UFRGS. A autora discute e examina as imagens das Escolas de Educação Infantil, tendo como referência as ambiências das salas de aulas, “como um texto que ultrapassa sua função decorativa, exercendo uma pedagogia da visualidade, entendida como os modos das crianças verem e entenderem o mundo” (CUNHA, 2005, p. 05). Ela busca compreender como as crianças estão sendo educadas por esses cenários dentro e fora das escolas, através das imagens, e como os cenários que

Caminhos, direções e emergências nos estudos da Cultura Visual no século XXI constituem as instituições de ensino da Educação Infantil contribuem para os modos de ser crianças e professores/as.

Segundo Cunha (2005), esses cenários são compostos por imagens midiáticas, como por exemplo: imagens de personagens de desenhos animados, televisivos, filmes da Turma da Mônica, da Disney, entre outros, que, muitas vezes, são utilizadas nos espaços escolares, sem que tenham uma proposta pedagógica ou que sejam problematizados de maneira que as crianças possam refletir criticamente sobre essas imagens. Essas “pedagogias da visualidade”, entretanto, atuam junto com as outras formas de ensinar, ocultando “aquilo que ela ensina no (in)visível: a produção de significados, valores, inclusões e exclusões, desigualdades e relações de poder” (CUNHA, 2005, p. 75).

A pesquisa desenvolvida por Cunha (2005) tem contribuído significativamente como escopo teórico para embasar investigações de outros/as pesquisadores/as brasileiros/as, principalmente para aqueles/as que exploram e investigam as imagens e os artefatos artísticos endereçados ao público infantil, bem como as relações entre visualidades e infâncias nos espaços formais e não formais. Podemos, assim, dizer que, além de ser a primeira tese defendida no Brasil, também inaugura as discussões sobre infância e Cultura Visual.

Soma-se, no mesmo período dessas produções acadêmicas, o Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas (ANPAP)¹⁵, no ano de 2005, na sua 14ª edição, que permitiu um encontro dedicado ao tema *Cultura Visual e Desafios da Pesquisa em Arte*. Esse encontro possibilitou aos/às pesquisadores/as um aprofundamento sobre o tema nos seus mais variados seguimentos da Arte, como: Educação em Artes Visuais, História, Teoria e Crítica de Arte, Poéticas Artísticas, Curadoria e Patrimônio, Conservação e Restauro, bem como contribuiu com publicações referentes ao tema.

Já no final da primeira década do século vigente, e no início da segunda, a produção acadêmica sobre a Cultura Visual é mais sólida, principalmente a partir da publicação da Coleção Educação da Cultura Visual, da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, organizada pelo pesquisador Raimundo Martins e pela pesquisadora Irene Tourinho da Universidade Federal de Goiás - UFG.

¹⁵ Disponível em: <http://www.anpap.org.br/encontros/anais/>. Acesso em: 06 Mar 2021.

Entre 2009 e 2015, a cada ano foi publicado um livro. Os livros são constituídos por temáticas dentro das múltiplas formas de estudar, pesquisar, ensinar, analisar e explorar a Cultura Visual.

Essas publicações reúnem textos, ensaios, relatos de experiências artísticas/pedagógicas e investigações concluídas e em andamento de Mestrados e Doutorados de diversos pesquisadores/as brasileiros/as e estrangeiros/as engajados com as diferentes abordagens conceituais e metodológicas da Cultura Visual. Essa coletânea está empenhada em compartilhar os projetos de pesquisas provocados e construídos nos espaços formais e informais, e suas díspares possibilidades de articulações entre visualidades e educação, entre visualidades e o ensino das Artes. Como descrevem Martins e Tourinho (2015, p. 10), no prefácio do último livro, a Cultura Visual abriga “espaços vividos e imaginados que nos permitem dialogar, provocar, estimular modos de aprender/pensar/ensinar Cultura Visual”.

A consolidação da Cultura Visual no país também se deve às contribuições do Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual, da Faculdade de Artes Visuais, da Universidade Federal de Goiás - PPGACV/FAV/UFG, criado no ano de 2003.¹⁶ Foi um programa pioneiro da institucionalização do campo dos Estudos de Cultura Visual. No mesmo ano, junto ao programa, foi, ainda, elaborada e colocada em circulação a primeira edição da *Revista Visualidades*.¹⁷ A revista, de reconhecimento nacional na área da Arte, centraliza suas publicações no campo da cultura, da arte, das visualidades e da educação.

Além do PPGACV/FAV da UFG, outros programas de pesquisa de pós-graduação no país têm focalizado seus interesses de pesquisas em nível de Mestrado e Doutorado no campo da Cultura Visual, ou concentrado alguma das suas linhas de pesquisa relacionadas ao campo dos Estudos Visuais. Também, têm produzido conhecimento na área, como por exemplo: o Programa de Pós-

¹⁶ É importante destacar que em 2003 com a implementação de nível de Mestrado o Programa era intitulado Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual. Sua estrutura, então, contava com duas áreas de concentração: 1) Processos e sistemas visuais e 2) Educação e visualidade. Mais tarde, em 2010, com a aprovação e abertura do Doutorado, implementado a partir de 2011, houve uma reformulação ampla do regulamento. Passou-se então a chamar-se Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual - PPGACV. Hoje sua área de concentração, Arte, Cultura e Visualidades, está estruturada em três linhas de pesquisa: a) Imagem, cultura e produção de sentidos; b) Poéticas visuais e processos de criações; e c) Culturas da imagem e processos de mediação. Para mais informações, disponível em: <https://culturavisual.fav.ufg.br/p/36408-historico>. Acesso em: 05 Mar 2021.

¹⁷ Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/>. Acesso em: 10 Mar 2021.

graduação em Artes Visuais da Universidade de Brasília - PPAV/UnB,¹⁸ na área de concentração “Arte, Imagem e Cultura”; o Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Bahia – UFBA,¹⁹ na área de concentração “História, Teoria e Processos”; o Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ,²⁰ na linha de pesquisa “Imagem e Cultura”; o Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM,²¹ na área de concentração “Arte Contemporânea”, entre outros.

Alves, Garcia e Sardelich (2016), em uma pesquisa de caráter bibliográfico, realizada no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, e nas publicações dos Anais da ANPAP, em um recorte temporal entre os anos de 2005 e 2015, apontam que a produção acadêmica cresceu, significativamente, no Brasil, entre esses dez anos, principalmente nos Programas de Pós-graduação nas áreas de Artes, Comunicação, Letras, Educação e História. Elas sinalizam que a maior parte dessas produções, na área de conhecimento de Artes e Educação, estão sendo realizadas nas Regiões Centro-oeste, Sudeste e Sul, ou seja, são as regiões onde está localizada a maioria dos Programas de Pós-graduação em Artes e Educação que desenvolvem ou focalizam pesquisas em nível de Mestrado e Doutorado em Cultura Visual.

Nesse sentido, a Cultura Visual, no Brasil, vai se institucionalizar a partir desses diversos discursos acadêmicos, com muitos esforços de pesquisadores/as, professores/as, grupos de pesquisas, programas de pós-graduação, eventos, seminários e encontros acadêmicos sobre essa temática. Os esforços desse/as estudiosos/as e das instituições acadêmicas foram fundamentais para colocar em discussão as imagens, as visualidades, os fenômenos visuais e os artefatos culturais do cotidiano de crianças, adolescentes e jovens que estavam fora dos processos educativos do ensino da arte e dos currículos escolares. Foram importantes, também, para colocar na cena pedagógica os processos de interação, socialização e mediação a partir do visual, bem como os modos de verem e serem vistos.

¹⁸ Disponível em: <http://www.ppgav.unb.br/>. Acesso em: 10 Mar 2021.

¹⁹ Disponível em: <http://www.ppgav.eba.ufba.br/>. Acesso em: 30 Abr 2021.

²⁰ Disponível em: <https://www.ppgav.eba.ufrj.br/>. Acesso em: 30 Abr 2021.

²¹ Disponível em: <https://www.ufsm.br/cursos/pos-graduacao/santa-maria/ppgart/>. Acesso em: 30 Abr 2021.

No entanto, nos últimos vinte anos, encontramos uma literatura mais consolidada sobre as questões da Cultura Visual, da educação da Cultura Visual e da arte/educação. Ao nos voltarmos aos estudos desse campo nos últimos vinte anos, encontramos uma pluralidade de objetos visuais que foram centralizados como foco das discussões e investigações. Dentre eles se destacam: as representações dos estudantes, as imagens dos ambientes escolares, as imagens publicitárias, as imagens fílmicas, charges, desenhos, histórias em quadrinhos, fotografias, graffiti, pichação, desenhos animados ou de personagens, ilustrações, imagens da moda, jogos eletrônicos, performances, imagens da arte contemporânea. Esses objetos visuais, na sua grande maioria, estiveram articulados com os campos dos estudos de gênero, estudos culturais, estudos étnicos, cultura juvenil, infâncias, identidades, currículos, formação docente, pedagogias culturais, conhecimento escolar, ensino artístico, educação, entre outros.

Diante desses objetos visuais, que travaram distintas discussões no campo dos Estudos da Cultura Visual com ajuda de outros conceitos e campos de teorizações, podemos afirmar que foram fundamentais para consolidação os aportes teóricos da Cultura Visual, proporcionando, assim, novas ferramentas teóricas e conceituais para examinar, estudar e investigar o visual que está sendo posto na cultura. Com essas contribuições, ocorridas ao longo desse período, consideramos que este campo de estudo tem se encaminhado para os objetos visuais, ou seja, para as visualidades e artefatos culturais que estão relacionadas às mídias sociais digitais, às realidades forjadas, às visualidades midiáticas e eletrônicas, que estão em pleno processo de operação na cultura. O que nos parece é que está sendo colocada nas discussões acadêmicas vigentes uma nova ordem de entender e explorar a Cultura Visual e suas pedagogias. Trata-se de uma nova égide visual que é onipresente, móvel, ubíqua e persuasiva.

(Re)produção das imagens na contemporaneidade: caminhos e direções de estudos com e sobre visualidades

Estamos rodeados por milhares de imagens em todas as esferas sociais, de maneira que lidamos, interagimos e convivemos com elas naturalmente, sem sequer, muitas vezes, refletirmos, classificarmos, interpretarmos, questionarmos ou fazermos alguma crítica sobre seus discursos, persuasões, simulacros, estímulos e ensinamentos que operam na cultura e conseqüentemente sobre nós. A partir das novas fontes/meios visuais, elas se multiplicaram aceleradamente, principalmente com o início da primeira década do século vigente. Hoje, convivemos não apenas com fontes/meios

visuais como jornais, revistas, cinema e televisão, mas também com outras fontes/meios visuais mais sofisticados, com altíssimo grau de envolvimento e participação dos sujeitos, que acoplam tecnologias e sistemas digitais como, por exemplo, Instagram, Facebook, YouTube, Tik Tok, as contas digitais, os aplicativos para telefones celulares, entre outros.

Com o progresso das Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs – e a indústria mercadológica da internet, potencializa-se a produção de novas fontes/meios visuais, as quais, conseqüentemente, criam também novas imagens, colocando-as em funcionamento nas sociedades contemporâneas. Assim, pode-se afirmar que as tecnologias digitais possibilitam a criação de novas imagens.

Porém, isso não é tudo, as tecnologias digitais com os seus computadores, programas e softwares de alta geração não dão conta da revolução das imagens que estamos testemunhando. Não são as tecnologias digitais em si que têm facilitado a produção catastrófica de imagens, mas a necessidade que os sujeitos têm de (re)produzir, possuir e consumir de acordo com o curso da humanidade que vai se circundando. E, sobretudo, de ver, de ser visto e de interagir e socializar com e sobre as imagens.

Duncum (2011), sobre isso, argumenta que a tecnologia nos oferece “os meios” para a proliferação das imagens, mas não “as explicações”. Segundo ele, ao mesmo tempo em que as novas tecnologias resultam de tal crescimento, é também “motivada pela combinação de demanda econômica e necessidades humanas assentadas sobre novos arranjos sociais” (DUNCUM, 2011, p. 17). Em outras palavras, podemos dizer que a economia demanda freneticamente novas maneiras de consumo de produtos e serviços efêmeros, bem como sua interação com os mesmos, que por sua vez, requerem novas imagens.

Nesse sentido, as imagens no século vigente vão surgindo, multiplicando-se e sendo geradas de acordo com as necessidades da globalização, das sociedades capitalistas e da segmentação da indústria cultural e mediática, que determinam outros hábitos de consumo, de desejos, padrões de vida e valores, acarretando a fabricação de imagens e objetos visuais emergentes. E, por consequência disso, produzem novas maneiras de circulação, recepção, interação e socialização com as imagens. O autor ainda sublinha que “a tecnologia tem proporcionado uma proliferação da imagem sem precedentes que revolucionou por completo, aparentemente em um piscar de olhos a nossa paisagem

visual” (DUNCUM, 2011, p. 17). De tal maneira que todas as ações que realizamos em nossos cotidianos são mediadas e comandadas pelas imagens, como diz o autor: “em nenhum momento da história da humanidade foi possível comunicar-se instantaneamente com outras partes do mundo mediante o apoio das imagens de alta resolução” (DUNCUM, 2011, p. 17).

Hoje, por exemplo, nos deparamos com imagens em movimento e eletrônicas criadas por circuitos elétricos que circundam nossas vidas. De maneira simultânea e onipresente, elas são enviadas por meios digitais, não precisando de materialidade alguma ou suporte físico para serem transmitidas ou exibidas. São imagens transmitidas através de *links* e ferramentas de dados ao mesmo tempo. Essas imagens, conhecidas como digitais, mudaram preponderantemente os modos recepção e produção das imagens entre os seres humanos. Se em algumas décadas atrás só era possível o acesso e a reprodução das imagens de maneira impressa, hoje elas estão na palma da mão de todos/as, a partir da criação de registros fotográficos. Nesse sentido, a tecnologia digital

[...] contribuiu de maneira significativa não apenas para ampliar a produção das imagens, mas, principalmente, para transportá-las em tempo real por meio de câmeras de celulares, câmeras fotográficas, computadores criando *links* e tornando-as públicas na *internet* e em sites como o *YouTube*. (MARTINS, 2009, p. 34).

Diante das perspectivas apontadas até aqui, é possível afirmar que a não (re)produção de imagens, tornou-se impossível tanto pelas tecnologias, como também pelas mãos dos sujeitos. Os efeitos e a fabricação delas tornam-se indispensáveis e indissociáveis da vida contemporânea, pois elas estão implicadas nos modos de comunicação, nos mecanismos das organizações sociais, no ócio cotidiano, nas maneiras como aprendemos e nos relacionamos e “com aquilo que vemos e pelo qual somos vistos” (HERNÁNDEZ, 2011, p. 32).

A autora Irene Tourinho (2011, p. 09) corrobora com a discussão, inferindo que “a cada dia, consumimos quase 18.000 imagens somente percorrendo nossos trajetos cotidianos, rotineiros, demandados por nossas obrigações e compromissos diários”. Amplifico o número de imagens afirmado pela autora para equivalente ao triplo de imagens que consumimos e operamos diariamente. Se há uma década Tourinho dizia que consumíamos uma quantidade significativa de imagens em nossas rotinas diárias, hoje, após dez anos da afirmação da autora, sem sombras de dúvidas esse número aumentou substantivamente. Isso se dá pelo uso demasiado de aparelhos de telefones celulares, smartphones, ipads, tablets e computadores que vêm com câmeras de última geração acopladas – de frente e verso, lentes, filtros, editores de imagens, entre outros recursos – como

também o uso de redes sociais, e outras mídias sociais digitais que impulsionam a (re)produção de imagens.

Nesse sentido, é preciso considerar que a quantidade de imagens que se produz hoje está relacionada também às tecnologias de reprodução de imagens e à velocidade com que elas chegam até nós. Se antes era possível realizar uma fotografia estática com câmeras fotográficas analógicas e ter que esperar um período de tempo para revelar, ou ainda, ter acesso por alguma mídia impressa, agora, na cultura da reprodutibilidade – através de cópias e reprodução – é possível em nossas práticas cotidianas, enviar, receber e compartilhar imagens, em movimento ou não, de alta resolução, acompanhadas de sons, músicas e efeitos de qualquer parte do mundo pelas redes da internet instantaneamente, em poucos segundos. Um exemplo disso, são as transmissões ao vivo, mais conhecidas como *lives*, que permitem a dois sujeitos ou coletivos, se comunicarem ou realizarem videoconferências em tempo real em qualquer canto do planeta, via ferramentas digitais.

A tecnologia, não somente tem causado a (re)produção de imagens, como também facilitou e deu às pessoas o acesso para se tornarem produtores/as e reprodutores/as das suas próprias imagens. A título de exemplo, a realização de fotografias, que podem ser produzidas por telefones celulares e que estão na palma da mão. Numa era marcada pelo consumo e por mediações visuais, nos tornamos sujeitos receptores, criadores e manipuladores de nossas próprias imagens. Não obstante, dentro dessa engrenagem dos avanços das tecnologias, como também da economia, das influências multiculturais e das mudanças constantes das formas de comunicação, de trabalhos e de exposição, são afetados e alterados significativamente e profundamente os sistemas simbólicos das representações e (re)produção de imagens, que são determinantes nos modos de olhar e ser olhado, que por sua vez, criam outros modos de enquadramentos de exposição e visualização.

Victorio Filho (2011, p. 192), sobre isso, pontua que “o aprimoramento das tecnologias acompanha a crescente sofisticação dos sistemas simbólicos, os quais, desde sempre, tiveram seus usos ampliados na mera comunicação funcional ou utilitário ao interminável processo de elaborar, instituir e ordenar as realidades”. Se antes as imagens, ao longo das civilizações humanas, estavam a serviço da comunicação e da representação da realidade, retratando e narrando uma sequencialidade histórica de fatos e acontecimentos dentro de categorias instituídas, com os avanços das novas tecnologias elas passam a criar outras fontes/meios visuais, que nada mais são do que produtoras de imagens. Fontes/meios visuais, que reconfiguram e colocam em circulação outros imaginários

visuais, aparências forjadas e realidades ilusórias, que transformam substancialmente as direções dos nossos olhos, o visível e aquilo que acreditamos ser realidade/verdade.

Frente a esses novos processos de produção, reprodução e circulação das imagens na cultura contemporânea, o campo de teorização dos Estudos da Cultura Visual se alastra e se amplia para pensar, estudar, analisar e investigar outras imagens, visualidades, aparências e práticas sociais operantes no cotidiano. Nesse sentido, consideramos que com o consumo e (re) produção de novas representações visuais, esse campo, na década vigente, começa a mudar ou dar outras e distintas ênfases para outros objetos visuais dentro do seu guarda-chuva de análises e investigações, que até então não foram colocadas nas discussões acadêmicas.

Assim, a Cultura Visual, a partir da nossa perspectiva, passa a focalizar e dar uma maior atenção aos objetos visuais, ou seja, a outras maneiras de socializações, interações e mediações com as imagens. Destacamos, então, alguns objetos visuais atuais que a Cultura Visual abriga no seu arcabouço das representações que precisam ser estudadas, analisadas e investigadas, tais como: as *selfies*; o uso abusivo da representação de si; os *stories* do Instagram, Facebook e WhatsApp; os canais do YouTube que possuem milhares de seguidores; os *emojis* como forma de comunicação e interação social nas redes sociais digitais; os *GIFs*; os *memes*; as influências e os impactos dos *YouTubers* e digitais influencers na vida e no governo de pessoas e coletivos; o processo pedagógico causado pelo Instagram, Facebook, WhatsApp, Tik Tok, Twitter, Skype, Snapchat, sites e outros dispositivos/aplicativos de interação e mediação social, bem como os modos de ser e ser visto dentro dessas redes sociais digitais; as aparências visuais, forjadas, camufladas, falsas e produzidas com camadas de filtros circulantes na cultura; as relações e disputas por poder/saber entre monopólios visuais que lutam por representação e visibilidade; as *Fake News* que operam como verdades visuais em determinadas camadas sociais; as visualidades como prática social e cultural; os sistemas simbólicos de representações; as práticas de *voyeurismo* visual; as socializações e os sentidos de pertencimento que são estabelecidos com as imagens; os modos como os sujeitos são vistos e se veem frente às imagens e tantos outros objetos visuais circundantes em nossa cultura.

Conclusões

São muitos os formatos, materialidades e artefatos vigentes de imagens na cultura contemporânea. No entanto, eles fazem parte do campo de teorização dos Estudos da Cultura Visual

Caminhos, direções e emergências nos estudos da Cultura Visual no século XXI e necessitam ser analisados, pensados e pesquisados dentro ou em intersecção com esse campo de estudos. Buscar novos entendimentos e compreensões, a partir de análises e investigações sobre o mundo e os formatos visuais que formam nossos olhares, chamam nossa atenção e operam em nossos cotidianos, são maneiras de compreendermos nossas relações sensíveis com as imagens, com as práticas de visualizações, com o modo como somos construídos e subjetivados pelo universo visual e aquilo nos rodeia.

Neste texto, que não se encerra aqui, buscamos traçar alguns apontamentos, percursos, caminhos e direções sobre o surgimento do campo dos Estudos da Cultura Visual no território brasileiro, realizando algumas observações de como esse campo de estudos e de investigações perambulou no decorrer dos últimos vinte anos no território nacional, para que hoje possamos chamar de Estudos da Cultura Visual.

Além disso, destacamos os principais objetos visuais que foram estudados e pesquisados no decorrer desse período, bem como deixamos vistas, vestígios, indicações e recomendações de novos e potentes objetos visuais que, no nosso entendimento, se exercem com força na cultura contemporânea e que podem vir a ser, assim, objetos de análises e investigações no escopo de teorização da Cultura Visual. Assim, fica o nosso convite para aqueles e aquelas que pesquisam e estudam a Cultura Visual, como diz Hernández (2007), os “catadores de Cultura Visual”, para lançar voos, olhares, desconfianças, questionamentos e interrogações sobre as práticas de visualizações e as materialidades visuais atuantes no/e do século XXI.

Referências

- ALVES, Bianca Taiana S. L.; GARCIA, Ana; SARDELICH, Emília Maria. Cultura Visual no Brasil: um panorama sobre a construção do campo de estudo. **Revista Discurso & Imagem Visual Em Educação**, v. 1. nº. 1, p. 158 -175, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rdiv/article/view/30407>. Acesso em: 15 Dez 2021.
- BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: Ed. C/Arte, 1998.
- BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no Ensino da Arte**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2008.
- BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (Org.). **Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. Secretaria do Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/arte.pdf>. Acesso em: 25 Jul 2020.

CHAPLIN, S; WALKER, J. A. **Uma introducción a la cultura visual**. Barcelona: Octaedro, 2002.

CRIMP, Douglas. **Estudos culturais, cultura visual**. Revista USP, São Paulo, nº. 40, p. 78 -85, dez./fev. 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28422>. Acesso em: 30 Maio 2021.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. **Educação e cultura visual: uma trama entre imagens e infância**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/79457>. Acesso em: 25 Abr 2021.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. **Cultura visual e infância**. Artigo apresentado na 31ª Reunião da ANPED, na mesa Cultura visual, gênero, educação e arte, em outubro de 2008, em Caxambu, MG. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/faced/pesquisa/gein/artigos/Cultura%20visual%20e%20infancia.pdf>. Acesso em: 26 Out 2021.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIAS, Belidson. Pré-acoitamentos: os locais da arte/educação e da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo (Org.). **Visualidade e Educação**. Goiânia: Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual/FUNAPE, 2008, p. 37 - 53.

DIAS, Belidson. **O i/mundo da Educação da Cultura Visual**. Brasília: Editora da pós-graduação em arte da Universidade de Brasília, 2011.

DIAS, Belidson. Arrastão: o cotidiano espetacular e práticas pedagógicas críticas. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.). **Cultura das imagens: desafios para a arte e para educação**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2012, p. 55 - 73.

DUNCUM, Paul. Por que a arte educação precisa mudar e o que podemos fazer. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.). **Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2011, p. 15 – 30.

FREEDMAN, Kerry. Currículo dentro e fora da escola: representações da Arte na cultura visual. In: BARBOSA, Ana Mae. (Org.). **Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2008, p. 126-142.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educativa**. Tradução: Ana Duarte. Porto Alegre: Mediação, 2007.

HERNÁNDEZ, Fernando. A Cultura Visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.). **Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011, p. 31-49.

HERNÁNDEZ, Fernando; OLIVEIRA, Marilda de. (Orgs.). **A formação de Professores e o Ensino das Artes Visuais**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2005.

KNAUSS, Paulo O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 8, nº. 12, p. 97 - 115, jan./jun. 2006. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1406>. Acesso em: 29 Abr 2020.

MARTINS, Raimundo. Cultura Visual: imagem, subjetividade e cotidiano. In: MEDEIROS, Maria Beatriz. (Org.). **Arte em pesquisa: especialidades**. Brasília: DF.: Editora de Pós-Graduação em Arte da Universidade de Brasília, 2004, p. 160 - 165.

MARTINS, Raimundo. Educação e poder: deslocamentos perceptivos e conceituais da cultura visual. In: Oliveira, Marilda de; HERNÁNDEZ, Fernando. (Orgs.). **A formação de professores e o ensino das artes visuais**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2005, p. 133 - 145.

MARTINS, Raimundo. (Org.). Dossiê Cultura Visual. In: **Visualidades: revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual**. Goiânia: FUNAPE, v. 4. Ed, 2006.

MARTINS, Raimundo. A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver. In: Oliveira, Marilda de. (Org.). **Arte, educação e cultura**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007, p. 19 - 40.

MARTINS, Raimundo. Narrativas Visuais: imagens, visualidades e experiência educativa. **VIS – Revista do Programa de Pós-Graduação em Arte da UnB**. V. 8, nº. 1, p. 33 – 39, jan./jun. 2009.

MARTINS, Raimundo. **Arte e Cultura visual**. In: GUIMARÃES, Leda Maria de Barros; PEROTTO, Lilian Ucker. (Orgs.). Licenciatura em artes visuais: percurso 3 [Ebook]. Goiânia: Gráfica da UFG, 2018. Ebook - (Coleção Licenciatura em Artes Visuais). Disponível em: <https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/licenciatura-em-artes-visuais/modulo/3/001.html>. Acesso em: 10 Jan 2020.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Circunstâncias e ingerências da Cultura Visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.). **Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011, p. 51 - 68.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Entrevistas das imagens na Arte e na Educação. **Cultura das Imagens: desafios para a arte e para a educação**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2012, p. 09 – 13.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. ENCONTROS COM SENSIBILIDADES EM SAUDÁVEIS DESQUÍLIBRIOS DA RAZÃO: atos e processos de aprender, pesquisar e ensinar. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.). **Educação da Cultura Visual: aprender... pesquisar... ensinar...** Santa Maria: Ed. da UFSM, 2015, p. 133 - 146.

MIRZOEFF, Nicholas. **O Direito a Olhar**. ETD: Educação Temática Digital, Campinas/SP, v, 18, nº. 4, p. 745 - 768, out./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8646472>. Acesso em: 17 Ago 2020.

MITCHELL, William John Thomas. Showing seeing. **Journal of Visual Culture**, v. 1, nº. 2, p. 165 - 181, 2002. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/147041290200100202>.

Acesso em: 18 Jul 2022.

OLIVEIRA, Marilda de. (Org.). **Arte, Educação e Cultura**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 1 Ed, 2007.

SÉRVIO, Pablo Petit Passos. O que estudam os estudos de cultura visual? **Revista Digital do LAV**. Santa Maria, v. 7, nº. 2, p. 196 - 215, mai./ago, 2014. Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/12393>. Acesso em: 08 Jan 2021.

TAVIN, Kevin. Antecedentes críticos da cultura visual na arte educação nos Estados Unidos. In: MARTINS, Raimundo. (Ed). **Visualidades e Educação**. Goiânia: FUNAPE, 2008, p. 11 - 24.

TOURINHO, Irene. Imagem, identidade e escola. In: **Salto para o futuro: Cultura Visual e Escola**. Ano XXI Boletim 09 - Ago 2011.

TOURINHO, Irene. Imagens, pesquisas e educação: questões éticas, estéticas e metodológicas. In: TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. (Orgs.). **Cultura das Imagens: desafios para a arte e para a educação**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2012, p. 231 - 252.

VICTORIO FILHO, Aldo. A Utopia da Educação na *Cidade-Tudo*: cultura visual e a formação em Artes Visuais. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.). **Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011, p. 191 - 208.



Os direitos de licenciamento utilizados pela revista Educação em Foco é a licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em: 08/10/2022

Aprovado em: 06/04/2023